AVALIAÇÃO DOS ATOS DE DEPREDAÇÃO E SUAS MOTIVAÇÕES NO IFPB – *CAMPUS* JOÃO PESSOA. MUITO ALÉM DE UMA QUESTÃO EDUCACIONAL[1].

Raissa de M. Vieira[1], Leiliane S. de Morais[2], Joyce A. da S. Barbosa[3], Clauber L. da S. Maia[4], Arilde F. Alves[5]

[1] ex-Bolsista do Projeto, Téc. em Controle Ambiental, Graduanda em Engenharia. Ambiental – UFPB. e-mail: raissa-de-melo@hotmail.com
[2] Colaboradora do Projeto, Téc. em Controle Ambiental, Graduanda em Engenharia. Ambiental – UFPB. e-mail: leili.morais@hotmail.com
[3] ex-Bolsista do Projeto, aluna do Curso Técnico em Eletrotécnica – IFPB. e-mail: joyce_alvesbrb@hotmail.com
[4] Colaborador do Projeto, Téc. em Controle Ambiental, Graduando em Engenharia Química – UFPB. e-mail: clauber_lucian@hotmail.com
[5] *Dr.* em Ciências Sociais, Orientador do Projeto, Prof. do CSTGA/IFPB. e-mail: francalves11@gmail.com

Resumo: Rabiscos nas carteiras escolares e nas paredes das salas de aula, entre tantos outros atos de depredação, são situações [até] corriqueiras, que representam um grande problema de conscientização educacional. Muitas dessas descrições [pichações] estão associadas ao imaginário pejorativo, denotando enorme poluição visual. No sentido de verificar a amplitude dessa problemática educacional, realizou-se uma pesquisa no espaço escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* João Pessoa, no tocante a atos de depredação e falta de consciência ambiental, envolvendo alunos, com apoio dos servidores, especialmente entre aqueles que executam os serviços e limpeza e manutenção do patrimônio da Instituição. Nessa pesquisa também se desenvolveu algumas atividades educativas, como palestra, oficina de grafitagem e cartazes de conscientização. Esses resultados foram comparados com outra situação escolar verificada numa escola da rede pública municipal. Os resultados revelaram falta de consciência com aquilo que é público, bem como falta do senso de qualidade de vida, através do bom aspecto visual no ambiente escolar.

Palavras-Chave: Depredação; Pichações; Poluição visual; Conscientização educacional.

1 - INTRODUÇÃO

Rabiscos nas mesas da biblioteca, nas carteiras escolares e nas paredes das salas de aula, a quebra de espelhos nos banheiros, a fixação de goma de mascar embaixo das carteiras e de papel higiênico molhado nas paredes, o uso de tintas na recepção dos calouros, entre tantos outros atos de depredação do patrimônio escolar, são situações [até] corriqueiras e que representam um grande problema de conscientização educacional. Além disso, muitas dessas descrições [pichações] estão associadas ao imaginário pejorativo, denotando enorme poluição visual. Com isso, faz-se necessário tentar desvendar as mensagens escondidas nos atos de violência contra o patrimônio escolar, os quais podem ter vários significados: desde a necessidade de chamar atenção, de exibir-se para os colegas, expressar revolta ou até mesmo querer deixar sua marca no mundo (DAY, 1996), uma vez que, os que cometem tais atos estão colocando para fora alguma rebeldia, seja ela contra o governo, os pais, a sociedade, a escola ou contra alguém indefinidamente.

Este trabalho é, portanto, o resultado de um projeto de pesquisa que teve como um dos objetivos caracterizar essa situação de poluição visual atual no interior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* João Pessoa, no tocante a atos de depredação e falta de consciência ambiental, expressada no uso excessivo de cartazes. Para tanto, foram realizadas diversas atividades de pesquisa[2], que envolveu toda a comunidade escolar (alunos dos Cursos Técnicos Integrados e servidores, em especial entre aqueles que executam os serviços e limpeza e manutenção do patrimônio da Instituição), através da elaboração de questionários, da criação de um *blog* de mobilização em torno da conscientização e exposições de fotos, bem como a realização de palestras e oficina de grafitagem educativa, no sentido de melhorar o visual ambiental do espaço escolar.

Assim, o presente artigo está estruturado nas seguintes seções: primeiro, um sintético apanhado teórico em relação a essa problemática educativo-ambiental relacionada com a depredação, quando se apresenta, também, a seguir, os objetivos e as justificativas da necessidade de uma mudança de

[1] Referente ao Projeto de Pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Científica para o Ensino Médio (PIBIC_EM/CNPq), Edital nº 09/2010 - PRPIPG/IFPB, concluído em janeiro de 2012.
[2] Do tipo ***Pesquisa-Ação***. Ver mais sobre essa metodologia em TIOLLENT, 1985.

ISBN 978-85-62830-10-5

atitudes no espaço escolar; depois, a metodologia aplicada messe processo investigatório interativo; na seqüência, um levantamento inicial realizado sobre a problemática, tanto no âmbito do IFPB como na outra escola pesquisada, a qual se buscou fazer algums observações qualificáveis importantes; por fim, uma análise dos dados e observações, especialmente as de cunho comportamental, sobretudo após a realização das atividades de: oficinas de grafitagem educativa, cartazes de conscientização e palestras, encerrados com uma avaliação que permitiu-nos apontar algumas recomendações importantes desse processo educativo e comportamental.

2 - REVENDO ALGUMAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A DEPREDAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

A instrução educacional sempre foi concebida como um dos maiores pilares na formação da sociedade. Uma das finalidades da Educação prevista pela LDB[3] é o preparo para o exercício da cidadania. Segundo Souza (2003) este processo só é possível se dentro do ambiente escolar forem desenvolvidas práticas que levem os indivíduos a promover ações de solidariedade, respeito mútuo, ética, responsabilidade social, cooperação e consciência ambiental. Para esse autor a escola "*é sempre um subsistema do Mundo Social e deve representar certamente os anseios e desejos da comunidade que a ela busca*". Noutras palavras, a escola é vista muito mais enquanto instituição que normatiza comportamentos do que instituição que objetive aprendizagem dos alunos.

Além disso, sabemos que as escolas têm sido contemporaneamente, o ambiente onde a maioria das pessoas passa boa parte do tempo de suas vidas, pelo menos, da infância até o final da adolescência. É, pois, nesse espaço escolar que emergem oportunidades para o desenvolvimento do conhecimento e formação intelectual. E é desse espaço que emanam atitudes cidadãs atreladas aos legítimos interesses populares.

Nesse sentido, a escola deve, necessariamente, promover oportunidades de desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização dos bens patrimoniais do ambiente escolar, dadas através de um processo de conscientização acerca da importância da preservação dos elementos (materiais) que compõem o espaço escolar. Ou seja, que a escola promova discussões acerca da importância do patrimônio que pertence a todos. Mas isso não é o que muitas vezes ocorre, pois a escola torna-se o alvo principal de atitudes de vandalismo e depredação, na maioria das vezes pelos próprios usuários - os alunos, que agridem o meio ambiente e, consequentemente, o bem-estar das pessoas.

Por se tratar de um espaço público ou "coisa pública" utilizando as palavras de Oliveira & Camillo (2009), quando as mesmas sustentam que "*a escola, no Brasil apresenta um quadro de desgaste e depredação que a afeta e que acarreta despesas, [...], desnecessárias ao erário*" sem deixarmos de considerar a questão da poluição visual, quando o problema são as pichações, devemos compreender como uma problemática educacional. Neste cenário, referimo-nos a *depredação* que pode estar relacionada ao ato de uniformização do comportamento das pessoas. Salientamos, ainda, que a depredação no seu significado *stricto sensu* surge quiçá como uma forma de contestação aos modos, pelo qual essa uniformização se expressa, notadamente, a vigilância e a punição (GUIMARÃES, 1987, p. 71).

Para tentar minimizar essa situação é importante lembrarmos-nos das considerações de Guimarães, (1987) em sua obra *Vigilância, Punição e Depredação Escolar*, que a escola reage, ao afirmar que "[...] *a resposta da escola vem com investimentos em vigilância, construção e ampliação de muros e de serviços de segurança, inclusive através de rondas policiais*". Nesse contexto, a vigilância se apresenta como forma normatizadora de condutas qualificáveis das pessoas, uma espécie de enquadramento a padrões. Para essa autora a vigilância é

> "O suporte básico para o funcionamento dessas práticas políticas disciplinares, por esse motivo ela está inserida na prática do ensino, transformando a escola num 'observatório político', ou seja, num local onde se pode ter conhecimento de todos os indivíduos, possibilitando classificar, qualificar, punir e normatizar todas as pessoas inseridas no ambiente escolar" (GUIMARÃES, 1987, p. 72).

[3] Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996).

Nossa pesquisa partiu do entendimento que a escola é o espaço ideal para uma prática de valorização e defesa do patrimônio, pois tem todas as condições para uma atitude que será sempre satisfatória para um processo de defesa dos bens ambientais, dos ambientes de cultura e dos marcos das histórias dos homens em sua luta cotidiana. Ou como defende Souza (*op. cit.*), ao externar que a escola deva desenvolver práticas pedagógicas voltadas para o reconhecimento dos bens patrimoniais e de sua valorização ativa e consciente. Para que isso esse autor pontuou, posteriormente, que:

> "No ambiente escolar é importante realizar atividades que envolvam toda a sua comunidade em defesa do patrimônio e na luta pela valorização dos bens que cercam os membros do espaço intra e extra – escolar. É vital que cada indivíduo que faz parte da escola seja um agente ativo na proposta de preservação e/ou valorização dos bens patrimoniais da sociedade. O espaço escolar abre oportunidades para uma atitude que tenha como ponto de partida a união entre a escola e os anseios de sua comunidade promovendo um processo de trocas e de construção ativa da cidadania" (SOUZA, 2011).

3 - A DEPREDAÇÃO E A POLUIÇÃO VISUAL: UMA QUESTÃO DE MUDANÇA DE ATITUDES

Sabemos que as depredações e as pichações apresentam muitas conotações, geralmente pejorativas, associando-se a poluição visual urbana e ao vandalismo. Além de danificar economicamente os objetos atingidos, esses atos trazem desastrosas conseqüências ao ambiente, à estética e paisagismo urbanos. A pichação é tida como um dos principais problemas causadores de poluição visual nas escolas, impactando o ambiente e destoando totalmente os propósitos maiores da escola – o da educação para a cidadania, que, também, inclui todas as questões ambientais.

No Brasil, a pichação é considerada vandalismo e crime ambiental, nos termos do art. 65 da Lei 9.605/98[4]. Assim, como crime ambiental, a solução para o problema através da punição, fundamenta a concepção de que as mesmas são delitos graves contra o bem-estar ambiental e a boa qualidade de vida. Por isso, atitudes depredatórias são consideradas um modo de expressão que tem como objetivo a destruição de determinadas regras sociais e culturas patrimoniais. Por isso, a avaliação destes atos de depredação possibilita minimizar estes atos, através do entendimento das causas que levaram os a essas atitudes e o comprometimento das partes envolvidas.

A depredação é, geralmente, o caminho trilhado por jovens que não encontram outra forma de canalizar sua energia e agressividade. Há vários exemplos de agressividade, dentre as quais aquelas expressadas através de atos de vandalismo, mas que, também, pode despertar um outro lado. Referimo-nos ao potencial artístico que, muitas vezes, está oculto nesses jovens. Por isso, bastam oportunidades e espaços apropriados, para aflorarem tais potencialidades, muito importantes no processo de diminuição de atos de depredação no interior das escolas.

Com isso, nosso objetivo maior foi o de levantar alguns dados a respeito da situação da degradação visual causada por atos de depredação nos espaços físicos e instalações do IFPB – *Campus* João Pessoa, bem como propor soluções à comunidade escolar no sentido de uma mudança de atitudes e melhoria do bem-estar social. Este objetivo desdobrou-se em outros mais específicos como: identificar as origens, causas e opiniões a respeito da problemática da poluição visual e depredação do espaço escolar, buscada através da aplicação de questionários com os estudantes e os funcionários em geral; mobilizar a comunidade escolar, no sentido do despertar para o enfrentamento dessa contestável realidade comportamental, por meio de exposição de fotos dos ambientes que exemplifiquem a situação estudada; manter os alunos atualizados da situação ambiental [visual] do IFPB e de outras escolas da cidade, através de um *blog*[5]; investigar as possíveis explicações para tais ocorrências, demonstradas pela execução de experimentos psicopedagógicos; dinamizar o processo ensino-aprendizagem do conteúdo abordado, através de palestras com especialistas da área de conduta escolar, educação ambiental e habilidades artísticas educativas.

---

[4] Lei dos Crimes Ambientais, de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.

[5] Disponível em: ***www.vandalismonasescolas.wordpress.com***

4 - **APONTAMENTOS METODOLÓGICOS**

Em se tratando de uma pesquisa de cunho qualitativa, os dados necessários para que se pudesse detectar um panorama geral [do aspecto visual], foram adquiridos por meio de questionário aplicados junto aos alunos e funcionários, quando os mesmos puderam opinar sobre as possíveis causas e sugestões de soluções a respeito do assunto *poluição visual* e *depredação patrimonial*. Nesse sentido, foi levantada uma amostragem entre cinco alunos de cada turma dos Cursos Técnicos Integrados, totalizando um universo de 140 entrevistados[6].

Além disso, a interação da equipe de pesquisadores com os alunos, também, foi feita a partir da criação do *blog*, onde os mesmos puderam estar constantemente, atualizados sobre as novidades da Pesquisa, bem como postando sugestões e idéias em busca de melhorias das condições visuais do ambiente patrimonial escolar. Nesse sentido, a investigação assumiu um caráter de Pesquisa-Ação, quando a equipe de pesquisadores interagiu com o universo de sujeitos analisados (TIOLLENT, 1985).

Em face do caráter visual apresentado percebido durante a Pesquisa, também, foram postadas nesse *blog* fotos mostrando a realidade visual impactante de inúmeros espaços do IFPB, bem como a situação de degradação que causam desconforto e afetam no bem-estar social. Como alternativas às atitudes de vandalismo, a Pesquisa propôs, por exemplo: a disponibilização de blocos de rascunhos nas mesas da biblioteca; quadro de avisos onde qualquer aluno pudesse escrever o que escreveria nas paredes e nos banheiros.

Além disso, no sentido de, inicialmente, minimizar a problemática da poluição e depredação visual dos espaços acadêmicos no IFPB, foi, também, realizado palestra e oficina de grafitagem onde os interessados pudessem, então, externalizar atos pela: justiça social, igualdade de gênero e raça, proteção do meio ambiente, etc., estimulando, assim, a melhoria visual dos espaços acadêmicos. Isso veio despertar em toda a comunidade, o interesse em prosseguir contribuindo para a conservação e preservação da Instituição.

Por fim, todo esse trabalho de pesquisa e interação com o público envolvido (a comunidade acadêmica), teve duração de aproximadamente 11 meses, a partir da aprovação do projeto, contando com o apoio da Direção-Geral do IFPB - *Campus* João Pessoa, que intermediou a disponibilização do espaço para a atividade educativa conscientizacional – palestra-oficina educativa de grafitagem – em relação à importância da preservação do patrimônio e ambiente visual no espaço escolar.

5 - **O QUE ENCONTRAMOS NO ESPAÇO ESCOLAR ANALISADO**

O primeiro levantamento, realizado junto a alunos do Ensino Básico e Fundamental de outra instituição de ensino[7], teve como premissa basilar a possibilidade de fazermos algumas comparações, já que, mesmo sendo públicas, são esferas distintas. Assim, foram entrevistados 34 alunos das séries do Ensino Básico.

As questões levantadas foram: Praticou depredação? Quais os motivos para as pessoas depredarem? Caso houvesse espaço para expressar atitudes artísticas ou de manifestação de contestação, mudaria o problema da depredação/vandalismo? Quais são os mais prejudicados com o vandalismo/depredação? Que postura tomaria presente um ato de depredação/vandalismo? Vê necessária a punição para os atos de vandalismo/depredação? Apoiaria(m) algum tipo de mobilização contra atos de Vandalismo/depredação?

Os resultados representados através dos gráficos, a seguir apresentados, apontaram no primeiro deles, que 85% dos alunos já praticaram algum tipo de atitude de depredação no interior da escola. Esse é um dado bastante preocupante, corroborando com as observações de Guimarães (1987), quando a *uniformização* é a tônica de uma desigual sociedade.

---

[6] No IFPB – *Campus* João Pessoa há 6 (seis) Cursos Integrados (Edificações, Mecânica, Eletrotécnica [em dois turnos], Eletrônica, Instrumento Musical e Controle Ambiental), totalizando 28 turmas (cada Curso tem por turno 4 (quatro) turmas (do 1º ao 3º ano).

[7] Escola Municipal Oscar de Castro, João Pessoa-PB.

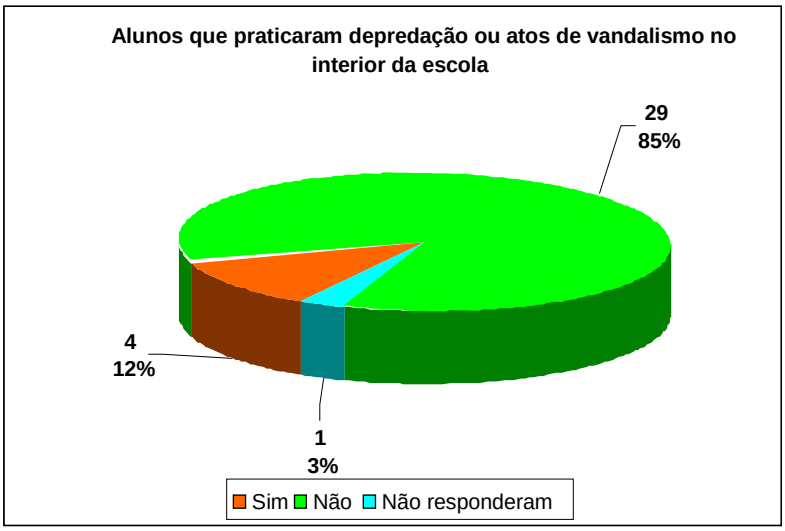

Figura 1 – A depredação ou atos de vandalismo no interior da escola.

Em relação aos motivos que os levaram a praticarem algum tipo de depredação no interior da escola, o gráfico a seguir demonstra que quase 30% dos estudantes entrevistados reconheceram neles próprios, como atitudes de falta de educação, verdadeiramente uma falta de consciência individual e coletiva dos alunos em relação à importância de se preservar o patrimônio público. Além disso, na mesma ilustração, mais de 20% dos entrevistados respondeu que se trata de desvios de conduta individual, puro ato de vandalismo. Outras causas, em menor percentual foram apontadas, como: problemas emocionais, maus exemplos, atitudes de irreverência, atos para chamar a atenção.

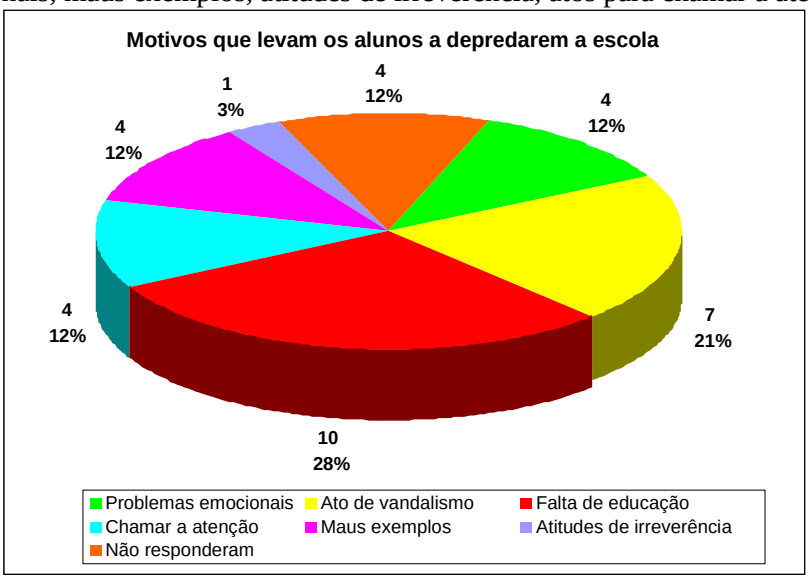

Figura 2 – Motivos da depredação ou atos de vandalismo do espaço escolar.

Quando a questão partiu dos motivos apontados por esses alunos entrevistados, sobretudo daqueles relacionados a atitudes de irreverência e/ou para chamar a atenção, perguntou-se caso houvesse um apropriado espaço para alguma manifestação de contestação ou irreverência, se estariam dispostos a mudar as atitudes depredatórias ou vândalas por manifestações com um tom artístico ou cultural, minimizando assim a própria poluição visual com os atos de depredação ou vandalismos como as pichações pejorativas. Como resultado, o gráfico a seguir aponta que quase 70% se mostraram dispostos a essa oportunidade de mudança do cenário, por qual passam as instituições públicas no que se refere ao aspecto visual do patrimônio.

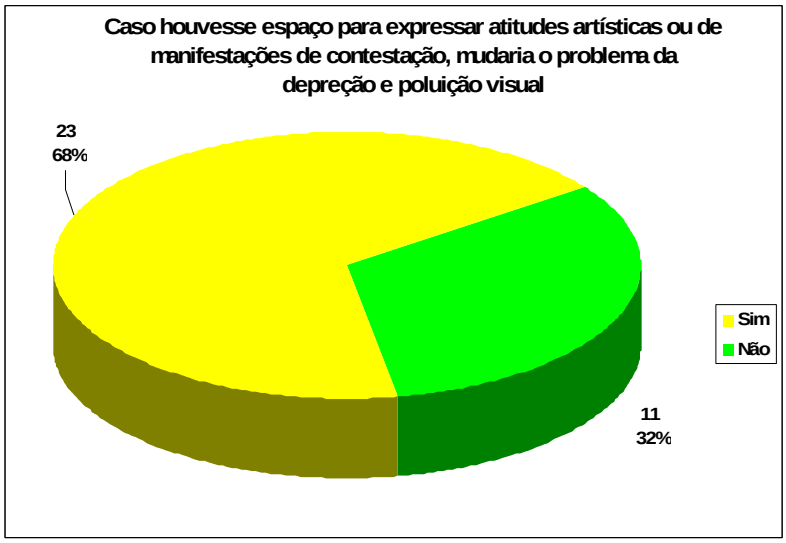

Figura 3 – Oportunidades de expressão de atitudes artístico-culturais em relação à depredação e os atos de vandalismo no espaço escolar.

Na sequência das questões, o que se buscou saber em relação aos prejuízos decorrentes das atitudes de depredação ou vandalismo no interior das escolas, especialmente daquele praticados pelos próprios alunos usuários do espaço escolar. Como respostas, o gráfico a seguir indicou, na opinião de mais de 60% dos entrevistados, que os maiores prejudicados são para os próprios alunos, que passam a ter equipamentos danificados, instalações depredadas, sem levar em conta o péssimo aspecto visual, que influencia diretamente no bem estar dos alunos em processo de aprendizagem.

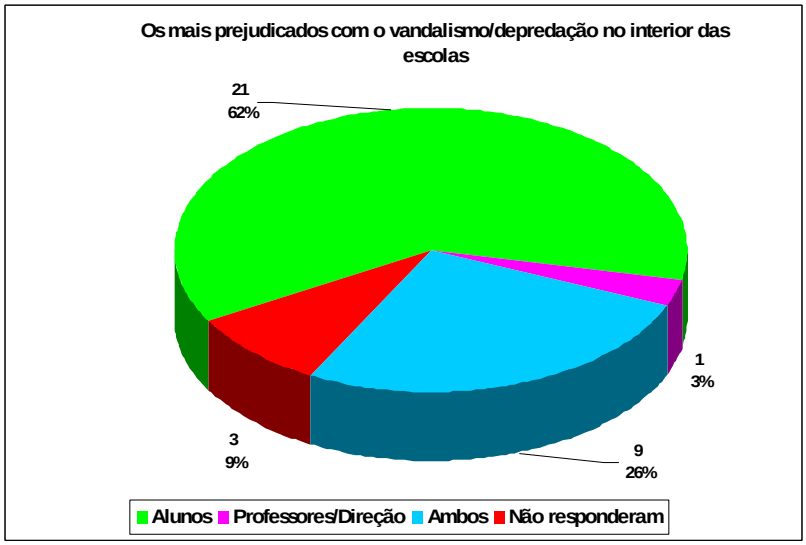

Figura 4 – Os prejuízos decorrentes da depredação ou vandalismo no espaço escolar.

Por fim, quando a questão enveredou na direção de alguma medida coibitiva frente a essas atitudes de depredação e poluição visual, o gráfico a seguir demonstra que quase 50% dos entrevistados disseram, caso tomassem conhecimento de atos dessa natureza, que comunicariam as autoridades educacionais, aqui entendidas como: direção, coordenação pedagógica ou ainda qualquer outro funcionário da instituição escolar. Significativo número de entrevistados (quase 25%), disseram que agiriam por conta própria, chamando a atenção dos autores para não praticarem atos de vandalismo no espaço escolar.

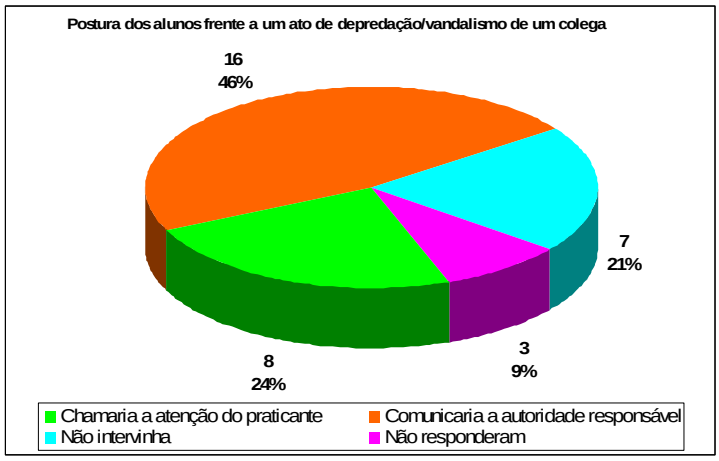

Figura 5 – Atitude pessoal frente a um ato de depredação ou vandalismo no espaço escolar.

Concomitante a esse levantamento, internamente no IFPB – palco principal de nossa pesquisa – realizou-se inúmeros contatos com alunos, observando a postura dos mesmos quando o assunto era a questão da depredação do ambiente escolar e os reflexos disso na estrutura da Instituição e no aspecto da poluição visual. Nessa fase do trabalho de pesquisa, também ocorreu à estruturação de um *blog* no sentido de fomentar uma discussão interna, especialmente entre os alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB.

Além disso, metodologicamente, se fez uma ampla divulgação do Projeto de Pesquisa entre as turmas de alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB - *campus* João Pessoa, momento em que despertou grande interesse em relação a essa problemática educacional. Nesse trabalho, contou-se com o apoio logístico do Departamento de Ensino, que permitiu o total espaço para a equipe de pesquisadores interagirem com esse público alvo, momento em que passaram a aplicar uma enquête entre os alunos, na mesma lógica de questões abordadas entre os pesquisados da outra escola, na perspectiva de uma análise comparativa, referente à amplitude e as causas da depredação ou vandalismo no espaço escolar. Assim, nesse segundo levantamento, numa amostragem de cinco alunos por turma, quando a primeira questão foi se já haviam praticado algum tipo de ato depredatório do patrimônio escolar. No gráfico a seguir, as respostas apontaram que mais de 60% dos entrevistados jamais haviam praticado algum ato que prejudicasse o ambiente físico escolar. No entanto, quase 40% dos entrevistados confessaram que em algum momento já havia realizado algum tipo de dano ao patrimônio escolar.

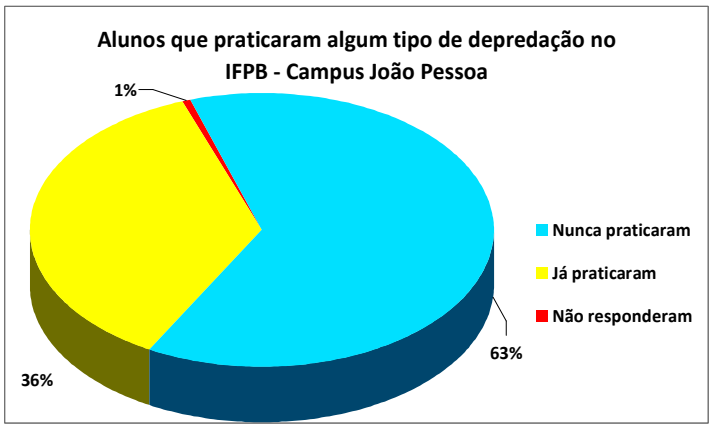

Figura 6 – A depredação ou o vandalismo no espaço escolar do IFPB – Câmpus João Pessoa.

Quando a questão foi em relação à forma desse ato depredação, levada a termo entre os que haviam confidenciado ter realizado algum ato de dano patrimonial no espaço escolar, o gráfico a seguir revela que dois terços praticaram de maneira inconsciente e, praticamente, o outro terço restante diz ter

realizado de forma proposital, sem, necessariamente, justiçar tais propósitos que os levaram a praticar atos de vandalismo no espaço escolar.

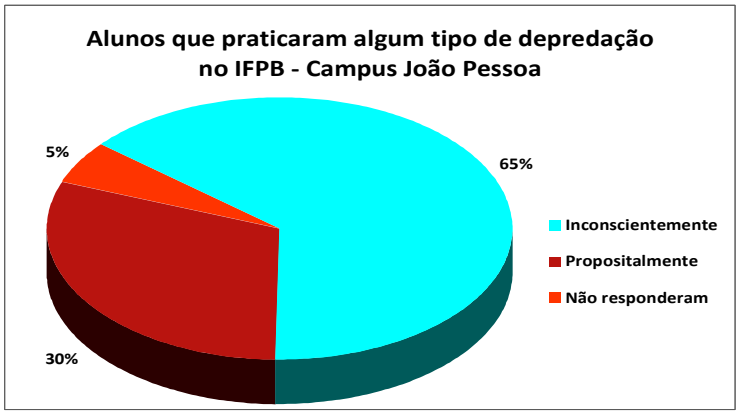

Figura 7 – Característica das atitudes (de depredação ou vandalismo) no espaço escolar do IFPB – Câmpus João Pessoa.

De maneira semelhante ao questionário realizado na outra escola, quando se interrogou em relação aos motivos que os levaram a praticarem algum tipo de depredação na escola, o gráfico a seguir demonstra que mais de 25% dos estudantes entrevistados não conseguiram apontar exatamente o motivo, quando a maioria desses a denominou 'esse motivo' como sendo o que chamaram vulgarmente de "falta do que fazer", referindo-se ao ato praticado como sendo, de fato, a uma falta consciência em relação ao valor de uso do patrimônio coletivo. Em patamares menores, outros motivos para a ocorrência de atitudes depredação foram apontados, como: problemas pessoais/emocionais dos praticantes, falta de consciência, chamar a atenção e até motivos fúteis, pelos entrevistados denominados de "diversão". Entendemos com esses resultados que a variedade de motivos apresentados não dá, por si só, uma total dimensão do problema, que tem outras causas que serão apontadas mais adiante.

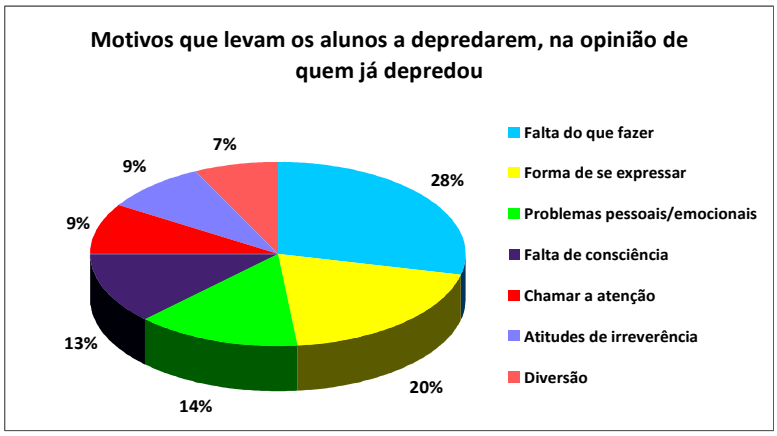

Figura 8 – Motivos da depredação ou vandalismo no espaço escolar do IFPB – Câmpus João Pessoa.

Da mesma forma que se levantou na outra escola, partindo dos motivos apontados por esses alunos entrevistados, sobretudo daqueles motivos relacionados a atitudes de irreverência e/ou para chamar a atenção, internamente no IFPB, questionou-se: Caso houvesse um apropriado espaço para alguma manifestação de contestação ou irreverência, se estariam dispostos a mudar as atitudes de depredação por atos num tom artístico-cultural, minimizando assim a própria poluição visual com os atos de vandalismos como as pichações pejorativas? Com resultado, o gráfico a seguir aponta que quase 80% se mostraram dispostos a essa oportunidade de mudança do cenário por qual passam as instituições públicas, no que se refere ao aspecto visual do patrimônio.

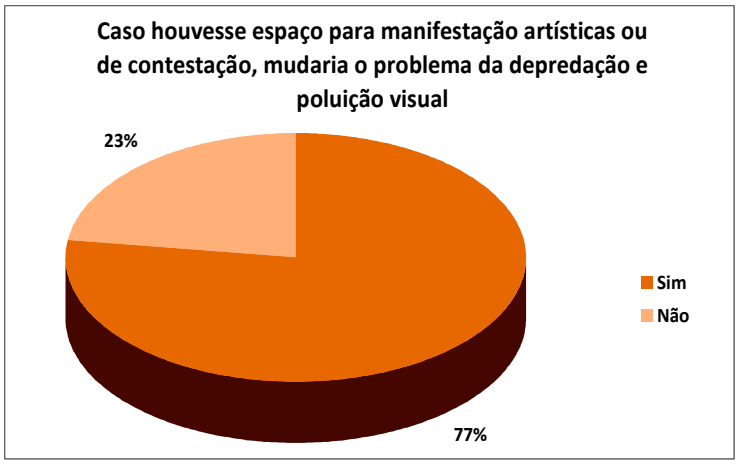

Figura 9 – Oportunidades de expressão no espaço escolar do IFPB – Câmpus João Pessoa.

Em relação aos prejuízos materiais decorrentes das atitudes de depredação ou vandalismo no interior das escolas, especialmente daquele praticados pelos próprios alunos usuários do espaço escolar, os dados colhidos no interior do IFPB revelaram, majoritariamente, que os mais prejudicados são os próprios alunos, que ficam sem ou com os equipamentos/espaços depredados, sem uma posterior condição de uso didático-pedagógico, sem deixarem de terem considerado o péssimo aspecto visual apresentado pelo espaço escolar poluído ou danificado.

Figura 10 – Prejuízos com a depredação do espaço escolar do IFPB – Câmpus João Pessoa.

Nas questões seguintes rumou-se na direção de verificar, entre os entrevistados, qual a opinião em relação a alguma medida coibitiva frente a essas atitudes de depredação e poluição visual. No primeiro gráfico buscou-se saber qual seria a postura do entrevistado quando presenciasse algum colega praticando alguma atitude danosa ao patrimônio, independente dos motivos que estariam embutidas nesse ato. As respostas apontaram que quase 2/3 dos entrevistados tomariam a atitude de chamar a atenção, contra mais de 1/3 não fariam qualquer intervenção na atitude do colega. Isso demonstra uma desuniforme consciência coletiva. Porém, no segundo gráfico, como desdobramento da primeira questão, em que a maioria apontou a disposição de alguma iniciativa de intervenção, assim como a aplicação de algum tipo de punição, se buscou saber qual ou quais os tipos de medidas coibitivas ou punitivas aos praticantes de algum ato depredativo ou vândalo no espaço escolar. Como respostas quase 50% dos entrevistados disseram que a melhor medida seria cobrar do praticante a reparação do dano e a outra metade respondeu que o melhor seria excluir esses vândalos da escola ou algum tipo de castigo administrativo. Ambas as respostas tiveram um viés punitivo, que merecem ser mais bem discutidas enquanto práticas minimizantes do problema educacional.

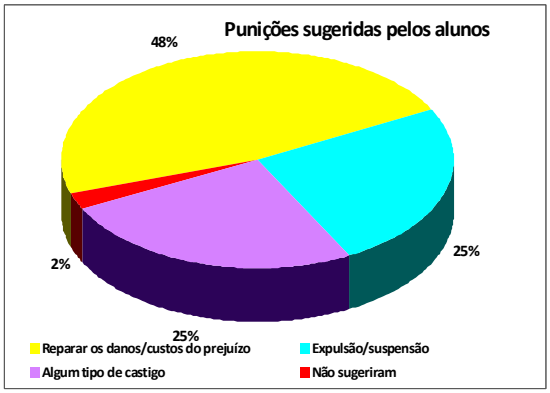

Figura 11 – Formas de coibir as atitudes de depredação do espaço escolar.

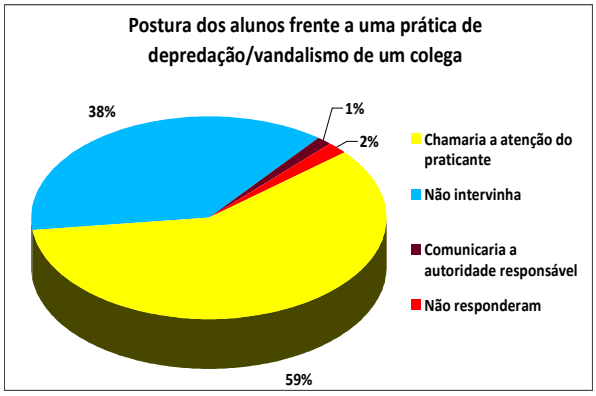

Figura 12 – Postura frente a uma atitude de depredação do espaço escolar.

Por fim, quando abordamos na real possibilidade de alcançarmos ao conjunto dos entrevistados uma mobilização e/ou alguma atividade interativa que viesse motivar, positivamente, para o desenvolvimento de uma consciência coletiva mostrando à importância de se preservar o espaço escolar, não somente no aspecto valorativo do patrimônio, mas no aspecto do bem estar visual desse ambiente educacional, a grande maioria manifestou total apoio à iniciativa. Isso veio consolidar um dos nossos objetivos – o de dinamizar o processo ensino-aprendizagem e de conscientização, através de palestras com especialistas da área de conduta escolar, educação ambiental e habilidades artísticas educativas. Referimo-nos, portanto, a realização da atividade palestra/oficina de grafitagem educativa nos muros da escola, chamando a atenção para a conservação do patrimônio escolar.

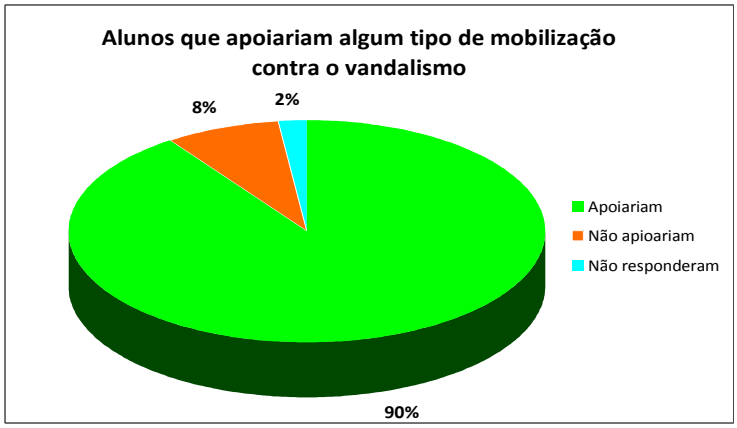

Figura 13 – Atitudes de enfrentamento do problema da depredação do espaço escolar.

6 - **PARA CONCLUIR NOSSA AVALIAÇÃO**

O primeiro aprendizado da equipe de alunos pesquisadores nesse processo investigatório a que se propuseram, foi no tocante a metodologia de coleta dos dados, uma vez que puderam exercitar as diferentes formas de abordagem aos entrevistados. Essa consideração se ampara no fato de que no levantamento dos dados foram dois espaços distintos, com públicos de diferentes categorias sociais.

A segunda questão relevante nessa pesquisa foi à interatividade entre os sujeitos da pesquisa (alunos e servidores), com os quais muitas sugestões que viessem minimizar a questão da poluição visual e, sobretudo, da depredação do patrimônio público no espaço escolar.

Com base nessas duas relevantes questões anteriormente levantadas, a pesquisa serviu, além de ferramenta de sondagem da situação - *depredação e suas motivações*, como alerta para um problema que é geral no espaço escolar, já amplamente estudado e debatido por outros inúmeros estudiosos dessa temática comportamental. Nesse sentido, a utilização do *blog* como forma de coletar outras manifestações, além daquelas garantidas nos questionários semi-dirigidos, permitiu verificar outras causas do problema.

A utilização da metodologia da grafitagem, como forma de veiculação das mensagens e objetivos a que o Projeto de Pesquisa estava se propondo, surtiu efeito, na medida em que se buscou a desmistificação de que a grafitagem, enquanto expressão tem sua valia quando alerta algo, levanta questões sociais (saúde, educação, meio ambiente, cidadania, etc.), ao invés daquelas conotações pejorativas e/ou depredativas no aspecto visual.

No aspecto dos resultados, nos dois locais onde se realizou a coletas de dados, demonstrados anteriormente através dos gráficos e ilustrações, ficou evidente que as justificativas para aqueles atos de vandalismo e/ou depredação têm muitas motivações, muitas das quais enraizadas nas condutas familiares, as quais fogem ao alcance das metodologias pedagógicas das escolas, por meio de métodos que se poderia chamar "vigiar e punir". Ou como a denominamos no próprio título do Projeto, vão além de uma questão educacional bancária. Isto é, trata-se de uma educação que advém da família.

Verificamos, ainda, que essa problemática poderia ser mais bem explorada positivamente com um espaço escolar mais dinâmico, que retratasse melhor a realidade que estes estudantes vivem (sua família, sua comunidade, suas angústias socioeconômicas, temas sociais emergentes, etc.), no sentido de uma melhor aproximação da escola enquanto espaço de formação e informação, mas como espaço de vida social, que é onde as criatividades e anseios podem ser externalizados e não manifestados pejorativamente/degradantemente.

Portanto, a escola deve oportunizar espaços para a criatividade, a manifestação da cidadania, da arte, revelando-se como espaço de uma construção cidadã, que na maioria das vezes a comunidade, os demais entes públicos não oportunizam aos jovens dessa contemporaneidade tão pós-moderna e globalizada, tão instantânea em termos de informações e formação de opiniões que escola passa a ser um espaço que oprime todas as possíveis criatividades e espontaneidades positivas que a sociedade pode receber.

7 - **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, ano 134, n. 248, p. 27.833-27.841, 23 dez. 1996. Seção 1.

_____. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, ano 136, n. 31, p. 1-5, 13 fev. 1998. Seção 1.

DAY, N. **Violence in schools – learning in fear**. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers, 1996.

GUIMARÃES, Á. M. **Escola e violência: relações entre: vigilância, punição e depredação escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas, PUC Campinas, 1984. 294 f.

_____. *Vigilância - punição e depredação escolar*. **Educação & Filosofia**. Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 69-75, jan./jun., 1987.

OLIVEIRA, F. A. S. de; CAMILLO, M. R. da S. **A depredação em uma instituição escolar de Cruzeiro do Sul denominada ABC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Rio Branco-AC, Universidade Federal do Acre, 2009.

SOUZA, D. de. **Preservação do Ambiente: Uma ação de Cidadania**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2003.

_____. **A escola e a defesa do patrimônio**.
Disponível em: <http://caosnaeducacao.blogspot.com.br>. Acesso em 27 de abr. 2011.

TIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Editora Cortez, 1985.